Mal-estar na civilização e sofrimentos contemporâneos

Insistência e reinvenção

Laura Veríssimo de Posadas.[[1]](#footnote-1)

A tarefa da psicanálise é buscar, uma e outra vez, seu lugar singular na cultura.

Serge Leclaire, já em 1994, se perguntava sobre o que aconteceria se a Psicanálise cedesse em sua resistência às formas de "esclerose" e "encistamentos satisfeitos" e sucumbisse ao mal estar na Cultura que a própria psicanálise revela. Freud revelou aqueles de sua época, os analistas de hoje retomamos suas ideias para colocá-las à prova em relação às atuais formas de viver, pensar, desfrutar, sofrer e adoecer.

Laura Katz, por meio da correspondência epistolar de Freud, expõe o entrelaçamento existente entre os conceitos fundamentais com os quais ele aborda a constituição do psiquismo, a sua prática com seus analisantes e o seu tempo. Cada vez mais os psicanalistas do século XXI consideramos inevitável a análise desse terceiro eixo, o social que, embora esteja presente desde o início no projeto freudiano, foi negligenciado, senão forcluído. Daí a necessidade da insistente reivindicação da sua incidência tanto no analista como no analisante, como também na prática clínica, como fez incansavelmente M. Viñar.

De que forma o mal estar e a agressividade estão presentes nas artes e na sociedade no início do século XXI?

“ *Renovar a aposta do desejo”*, como propõe Laura, é para nós psicanalistas sempre uma *insistência.* Insistência, neste caso, em captar o novo, o mais próprio do nosso tempo, em meio ao que é o habitual. A desigualdade estrutural, a pobreza estrutural, o racismo estrutural são os mesmos sempre, embora em cada época sejam silenciados ou escutados de forma diferente. O que há de novo, parece-me, é uma maior organização das minorias para reivindicar os seus direitos, com um efeito a considerar que é o fato de que o minoritário substitui o coletivo e, assim, há “*a fragmentação das bandeiras”,* como o chamou L Nosek.

Também é recente a globalização da informática e seu uso como instrumento político, com sua dupla face de canal de convocatória à mobilização, à "moralidade do protesto" (A. A. Roig citado por H. Altamirano) e a outra, sinistra, a manipulação – as *fake news –*, utilizada por dirigentes inescrupulosos com êxitos eleitorais dos quais o planeta demorará a se recuperar.

Em um texto de 2018, evoquei a definição de *pós-verdade*, na atualização de 2017 da Real Academia Espanhola: *“Distorção deliberada de uma realidade que manipula crenças e emoções com a finalidade de influenciar a opinião pública e as atitudes sociais. Os demagogos são mestres da pós-verdade ”.* As características de cada época são reveladas pela fala, a nossa época levou à inclusão deste termo no dicionário, em 2017.

Serge Leclaire, que chegou a vislumbrar essas mudanças, inquietava-se, em 1994, com a resultante “*mutação do pensamento”* .

Ele se perguntava: “*Como reavivar neste sistema “pseudo-simbólico” a vivacidade da função simbólica? Esta é a pergunta que todo sujeito cidadão deve se fazer e que o cidadão psicanalista deve ter a honra de sustentar. Tudo deveria incitá-lo a isso, comprometido como esta com sua prática cotidiana de enfrentar o conflito, a contradição e o impossível e ligado ao trabalho de arar terras por demais conhecidas para nelas voltar a encontrar* ***um nada de não lugar por*** *onde possa advir algo da ordem do sujeito”.*

Hoje, diante do aumento da violência contra os mais vulneráveis: jovens, mulheres, negros, pobres, nos perguntamos, parafraseando Leclaire: em que e como pode a psicanálise contribuir para a construção desse **não-lugar**  que faça possível que “*algo novo possa advir na ordem social”?*

Nossa prática diária é a nossa âncora, o que nos define como psicanalistas. Ela e as expressões artísticas constituem a pedra de toque a partir da qual se analisam tanto o singular como o coletivo, os efeitos dos discursos em um e no outro, os efeitos do Outro enquanto linguagem, do Outro da constituição subjetiva e o Outro da constituição do sujeito de direitos, como cidadão.

No âmbito deste Congresso de *Fronteiras*, este painel se propõe a trabalhar as experiências de debates em torno das expressões artísticas. Compartilharei algo do trabalhado no grupo que temos denominado *“Encontros de Novela”,* grupo que está em seu segundo ano. Durante 2019 trabalhamos os romances de Emmanuel Carrere e neste ano de 2020, por Zoom, trabalhamos alguns contos.

Entre estes, dois deles, "*El camino de la costa*", do escritor argentino José Saer e "*De óxido y hueso*" do canadense Craig Davidson[[2]](#footnote-2) recriam mundos de fronteiras, nos confrontam com modos de padecimento de personagens que vivem à margem, que só podem percorrer "*o caminho da costa"*, sejapela miséria ou por situações traumáticas, que vivem na violência ou recorrem a ela como tentativas infrutíferas de “*restaurar por vingança tudo o que aquele ódio havia jogado para fora de si mesmo” “Ele ainda não sabia nem por que nasceu nem por que acumulou tanto ódio*" (*...*) *os olhos das pessoas deste povo onde nasceu e viveu durante 25 anos o contemplavam com curiosidade e até com hostilidade. Lembrou-se de ter pensado, confuso, que se entre todos os que o espiavam, houvesse apenas um que fosse capaz de explicar-lhe por que ele havia nascido, e por que havia nascido ali, naquela cidade, e por que naquele momento, cercado por dois agentes, percorria o povoado rumo à prisão por ter espancado um homem até quase matá-lo, ele teria se livrado dos agentes e teria corrido para aquele homem para cair de joelhos diante dele e pedir-lhe para prestar contas ou uma absolvição incerta.”*

Nos são conhecidos, a partir da nossa teorização e da nossa prática, os efeitos no sujeito da falta de resposta ao desejo de reconhecimento, da ausência de um Outro que aporte significantes nos quais se produza a necessária operação de alienação e a consequente ruptura e subjetivação. Tão necessário quanto o alimento para a subsistência física, é um outro desejante que, por meio da linguagem, inclua cada ser humano, em uma rede significante que o sustente em sua inércia. Nesse lugar de filiação, enraíza-se um mito de origem, o romance familiar, as crenças, os textos, as texturas que protegem, com o risco de captura e a possibilidade de ruptura e recriação.

Isso vale tanto para as aventuras subjetivas no âmbito familiar quanto para cada sujeito de direito no âmbito social, onde o discurso do Estado é fundamental: ou ele ignora, deixando os mais vulneráveis ​​entregues às leis do mercado, ou dá respostas de reconhecimento e cuidados que marcam sua existência, e o incluam em redes significantes, ao fazerem laço social.

Tanto nos textos citados como no recente *Joker* (Todd Phillips), os excluídos, os que são designados a um lugar à margem, ao não existirem para os outros, acreditam que realmente não existam, falta-lhes a resposta, o reconhecimento que os faz serem alguém : *"Toda a minha vida duvidei da minha existência"* diz *Joker,* e é com o seu ato - como o personagem de Saer - que ele consegue existir para os outros.

Será que estamos em um momento em que realizamos a aspiração de Leclaire de “*tirar a psicanálise de si mesma para reuni-la à história”?*

Bibliografia:

Altamirano, H. (2020, 6 de agosto).Violencia dominadora, fobia al Estado y moralidad de la protesta. *La Diaria*,( pp.14-15)

Dufour, D-R. (2000). Serge Leclaire, la invención de un psicoanálisis ciudadano. En *Serge Leclaire. Diabluras: 1955-1994* (pp. 11-32).Amorrortu .

Davidson, C.. (2005). De Óxido y hueso. En *De Óxido y hueso*. El Aleph.

Saer, J. J. (2012) El camino de la costa.En *Cuentos completos*. El Aleph.

Verissimo de Posadas, L. (2018) : É tempo agora de vozes entre vozes apoiadas. *Caliban,*16(2), 14-31.

Traducción: Fernanda Borges

1. Asociación Psicoanalítica del Uruguay [↑](#footnote-ref-1)
2. Agradeço a Hebert Teneumbam e Gladys Franco pela escolha. [↑](#footnote-ref-2)